



A violação de direitos da população em situação de rua e a violência simbólica: representação discursiva no jornalismo on-line

VIVIANE DE MELO RESENDE

Universidade de Brasília/ PQ CNPq

RESUMEN. En este trabajo, que forma parte del proyecto de investigación integrado titulado “Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo *on-line*”, asociado a la REDLAD, me centro en un par de noticias publicadas por *Folha de S. Paulo* (folha.uol.com.br) en junio de 2013. Los artículos abordan una controversia con respecto a la instalación de un Centro Social en un barrio de clase media en São Paulo. Basado en la teoría y la práctica del Análisis Crítico del Discurso (Chouliaraki y Fairclough 1999, Fairclough 2003, Ramalho y Resende 2011), uso las siguientes categorías para el análisis de los textos: la representación de los actores sociales (van Leeuwen 1997), la intertextualidad (Fairclough 2003) y la metáfora (Lakoff y Johnson 1980). El análisis indica la presencia de discursos prejuiciados con respecto a la población en situación de calle y el uso estratégico de las voces articuladas.

PALABRAS CLAVE: *análisis crítico del discurso, situación de calle, periodismo en línea, representación*

RESUMO. Neste trabalho, que é parte do projeto integrado de pesquisa intitulado “Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo *on-line*”, associado à REDLAD, focalizo um par de notícias publicadas pela *Folha de S. Paulo* (folha.uol.com.br) em junho de 2013. As matérias tratam de uma polêmica em torno da instalação de Centro Social em bairro de classe média em São Paulo. Com base teórico-prática na Análise de Discurso Crítica (Chouliaraki e Fairclough 1999, Fairclough 2003, Ramalho e Resende 2011), analiso os textos tomando as categorias analíticas de representação de atores sociais (van Leeuwen 1997), intertextualidade (Fairclough 2003) e metáfora (Lakoff y Johnson 1980). A análise aponta a manutenção de sentidos marcados por preconceitos em relação à população em situação de rua e o uso estratégico das vozes textualmente articuladas.

PALAVRAS-CHAVE: *análise de discurso crítica, situação de rua, jornalismo on-line, representação*

ABSTRACT. This paper is part of the research Project “Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo *on-line*”, linked to REDLAD. The focus is on a pair of texts, published in June 2013 in *Folha de S. Paulo* (folha.uol.com.br), about the controversy concerning the installation of a community center in a middle-class neighborhood in central Sao Paulo. The texts are analyzed under the theoretical framework of Critical Discourse Analysis (Chouliaraki and Fairclough 1999, Fairclough 2003, Ramalho and Resende 2011), considering the

following analytical categories: representation of social actors (van Leeuwen 1997), intertextuality (Fairclough 2003) and metaphor (Lakoff y Johnson 1980). The analysis reveals a scenario of ‘invasion by undesirable persons’, who are not perceived as entitled to rights, but as a threat to the rights of others.

KEYWORDS: *critical discourse analysis, homelessness, online journalism, representation*

Introdução

O projeto de que este artigo é parte associa-se à *Red Latinoamericana de Análisis Crítico del Discurso de la Extrema Pobreza* (REDLAD) e focaliza, no campo dos estudos críticos do discurso, as formas como a mídia jornalística eletrônica representa a violação de direitos e a violência contra a população em situação de rua no Brasil.¹ A investigação acerca da violação de direitos e da violência compreende a extrema pobreza como problema social que inclui facetas discursivas, já que os modos como se representa a situação de rua em textos têm influência sobre os modos como a sociedade compreende a precariedade social e reage a ela, e também sobre os modos como pessoas que enfrentam a situação de rua se identificam e se relacionam no tecido social. Assim, o que se pretende é abordar facetas semióticas dessa problemática, tendo como foco específico a pesquisa documental de textos noticiosos publicados na mídia eletrônica, no Brasil, acerca da violação de direitos de cidadania da população em situação de rua e da violência contra membros desse grupo populacional.

O objetivo geral do projeto é mapear e analisar essas representações na produção discursiva de portais de notícias vinculados a jornais de abrangência nacional. Os objetos da investigação no projeto são textos coletados nos portais dos jornais *O Globo*, *Correio Braziliense* e *Folha de S. Paulo*, em recorte temporal que considera o intervalo de 2011 a 2013.² As questões de pesquisa que orientam esse projeto são as seguintes:

1. Como a violação de direitos de cidadania –direitos a segurança, saúde, educação, moradia, alimentação– de pessoas em situação de rua é representada, textual e imageticamente, em textos jornalísticos de abrangência nacional, considerando o jornalismo *on-line* e os veículos *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Correio Braziliense*?
2. Como a violência contra pessoas em situação de rua é representada, textual e imageticamente, em textos jornalísticos de abrangência nacional, considerando o jornalismo *on-line* e os veículos *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Correio Braziliense*?
3. Como pessoas em situação de rua vítimas de violação e/ou violência são identificadas, textual e imageticamente, em textos jornalísticos de abrangência nacional, considerando o jornalismo *on-line* e os veículos *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *Correio Braziliense*?

Este artigo volta-se especificamente para a primeira dessas questões e, no âmbito de um projeto bem mais amplo, objetiva lançar um olhar pormenorizado a um caso particular, realizando microanálise mais minuciosa do que é possível realizar em um corpus muito ampliado. Assim, enquanto no corpus mais amplo do projeto os dados serão organizados com auxílio de *software* para pesquisa qualitativa, e as análises incidirão sobre textos coletados ao longo de três anos em três veículos jornalísticos, analisando-se as modalidades textual e visual na composição dos textos multimodais, aqui realiza-se uma aproximação microanalítica que considera apenas um par de textos e que o analisa manualmente e considerando somente a modalidade verbal. Obviamente, quanto mais se amplia um corpus de investigação, mantidos os prazos e os recursos humanos, menos se conquista em minúcia. No projeto ampliado, logra-se uma visão panorâmica, um mapeamento que sem dúvida é de interesse. Em um artigo como este, o interesse é outro: aqui se dissecam o objeto, que para tanto precisa ser restrito, considerados os limites materiais de espaço e tempo.

Neste artigo, portanto, o foco é um par de textos, relacionados por meio de *hyperlinks* internos, a respeito da polêmica relativa à instalação de um centro social ligado à igreja católica em bairro de classe média na região central de São Paulo. O primeiro texto, publicado às 3h15 de 4 de junho de 2013, intitula-se “Centro social para morador de rua provoca discórdia em Santa Cecília”, e o segundo, publicado no minuto seguinte do mesmo dia, recebeu o título de “‘Pobre incomoda’, diz presidente de centro social de Santa Cecília”. O primeiro texto é analisado considerando as seguintes categorias analíticas: metáfora (Lakoff e Johnson 1980), representação de atores sociais (van Leeuwen 1997) e intertextualidade (Fairclough 2003); do segundo, é feita uma breve análise comparativa, considerado o primeiro texto como ponto de partida. O primeiro texto foi selecionado entre os dois para ser submetido a uma análise minuciosa por ser o mais extenso e também o que articula mais vozes; como o segundo texto pretensamente serviria ao preceito jornalístico de que se devem ouvir ‘os dois lados’ de uma polêmica, a análise comparativa é útil para verificar se há distintos discursos articulados a esses ‘dois lados’ ou se, ao contrário, trata-se de reforço à posição privilegiada pelo veículo midiático.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, retomo brevemente o referencial teórico-prático que tomo por base: a Análise de Discurso Crítica (Ramalho e Resende 2011). Na segunda, discuto a relevância de um projeto investigando a representação midiática da situação de rua, contextualizando, também, o problema. Na terceira seção, apresento as análises dos dois textos selecionados. Depois, apresento algumas considerações finais.

1. *Análise de Discurso Crítica: Estudo crítico da linguagem na sociedade*

A ADC busca superar a lacuna entre teorizações baseadas na linguagem e em outros sistemas semióticos e pesquisas voltadas para uma explanação dos papéis da linguagem (e de outras semioses) em práticas sociais contextualizadas (Chouliaraki e Fairclough 1999). Para isso, conta com a consolidação de um corpo teórico da linguagem na sociedade que, alimentado nas ciências sociais, apresenta um foco mais específico nos modos como a linguagem figura na vida social, e de um conjunto de categorias para a análise linguística de dados empíricos, entendendo o texto como unidade mínima de análise (Wodak 2003).³

Em termos discursivos, a luta hegemônica (Gramsci 1995) é percebida como disputa pela criação/sustentação de um *status* universal para determinadas representações particulares – do mundo material, mental, social –, ou seja, para certos discursos que podem ser interiorizados em modos de (inter)ação social e em modos de identificação (Fairclough 2003). Considerando-se que o poder depende da conquista do consenso e não apenas dos recursos para o uso da força, o discurso figura como elemento essencial para a sustentação/superação de relações hegemônicas em um dado contexto histórico. O conceito aberto de hegemonia, recontextualizado de Gramsci, reforça o papel do discurso no estabelecimento e na manutenção de relações de dominação, uma vez que a naturalização de representações particulares é fundamental para a permanência de articulações baseadas no poder (Thompson 1995).

O foco em perspectivas ontológicas oriundas de desdobramentos recentes das ciências sociais (por exemplo, no Realismo Crítico, Bhaskar 2008) garante à ADC uma abordagem social de textos, o que tem implicação direta no tipo de análises de textos formuladas por pesquisadores/as em ADC. Isso porque não há separação entre as perspectivas social e linguística nas análises, ao contrário, uma análise discursiva crítica será tanto mais eficiente quanto maior for a integração entre os pressupostos articulados na relação interdisciplinar (Ramalho e Resende 2011).

A análise de notícias como material empírico para a abordagem de problemas sociais como as representações da violação de direitos justifica-se porque, em ADC, entende-se que a notícia reorganiza séries de eventos relatados fora de sua ordem lógica e cronológica, e por isso é uma forma de regulação social. Assim, a produção de histórias em notícias é reconstrução de acontecimentos fragmentários como eventos distintos e separados, incluindo certos acontecimentos e excluindo outros, assim como organizando esses eventos construídos em relações particulares. A produção de notícias, portanto, é um processo interpretativo e construtivo, e não simplesmente um relato *dos fatos* (Pardo Abril 2008). Notícias também podem ter “uma *intenção explanatória* relacionada à *focalização*: dar um sentido a eventos colocando-os em uma relação que incorpora um ponto de vista particular” (Fairclough 2003: 84-5).

Em ADC, portanto, textos noticiosos são compreendidos como parte do aparato de governança, porque notícias são orientadas para a regulação e o controle de eventos e da maneira como as pessoas reagem a eventos. Por meio de classificações que legitimam a diferença, a injustiça social pode ser naturalizada e deixar de ser questionada como injustiça, passando a ser compreendida como um estado natural de coisas (Resende 2009b, Resende e Santos 2012, Resende e Ramalho 2013). Isso pode ter o efeito de destituir grupos em situação de vulnerabilidade de sua condição essencial de sujeitos de direitos, e de minar suas possibilidades de articulação e resistência. Um problema que, portanto, deve ser urgentemente abordado é a representação preconceituosa de pessoas em situação de rua nos meios massivos de comunicação, e seus potenciais efeitos sociais e políticos. A Análise de Discurso Crítica tem muito a contribuir a esse debate.

2. Situação de rua e violação de direitos: uma história de violência

A situação de rua é um grave problema social, com consequências desastrosas sobre as vidas de milhões de pessoas no mundo (ONU 2013). Entretanto, o problema vem sendo naturalizado, apagado ou distorcido em diversos textos publicados nos jornais ou transmitidos em outros veículos midiáticos (ver, por exemplo, Pardo Abril 2008, Silva 2009, Soares 2011, Pardo 2012, Montecino e Arancibia 2013). A naturalização da situação de rua, que deixa de ser percebida como um problema, e o expurgo de pessoas em situação de rua, que são representadas como categoria a ser apartada e expurgada da sociedade, são problemas sociais parcialmente discursivos porque a representação discursiva da situação de rua (também, mas não somente, na mídia) influencia os modos como percebemos e reagimos à vulnerabilidade social, e os modos como identificamos pessoas em situação de rua e nos identificamos em relação a essa situação (Resende 2009b, 2012). Por outro lado, e como a relação entre linguagem e sociedade é de mão dupla, essas mesmas representações, materializadas em textos midiáticos, também são efeitos de práticas e relações sociais, isto é, estão calcadas em estruturas prévias.

Em 2008, o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS, Brasil) publicou o *Sumário Executivo da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*, realizada entre agosto de 2007 e março de 2008 como “fruto de um acordo de cooperação assinado entre a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome” (Brasil 2008: 3). Entre os resultados da pesquisa sobre a população em situação de rua no Brasil, verificou-se que “a grande maioria [88,5%] não é atingida pela cobertura dos programas governamentais”, não tendo, portanto, acesso a políticas públicas específicas (Brasil 2008: 12-13). A Pesquisa Nacional identificou 31.922 pessoas

vivendo nas ruas no Brasil, mas esse número, ainda que expressivo, não deve ser tomado como o contingente total dessa população, pois foram investigados apenas 71 municípios, e a pesquisa não realizou um censo propriamente dito (Brasil 2008). Estima-se que vivam em situação de rua no Brasil cerca de 50.000 pessoas (Colin 2013). Assim, a violação de direitos, articulada a diversas formas de violência, é um problema social que tem impacto sobre amplos setores da população, impossibilitados de usufruir de seus direitos de cidadania e de realizar de maneira plena seu potencial (Pardo Abril 2013).

No que se refere à vulnerabilidade social e à situação de rua especificamente, podemos perceber relação entre discurso e desmobilização da sociedade civil. Por exemplo, no campo dos discursos sobre a pobreza extrema, especialmente aqueles dispersos pelos meios massivos de comunicação, fortalecem-se representações que responsabilizam as pessoas extremamente pobres, exclusivamente, por sua situação, o que pode ter como efeito que deixe de ser percebida como uma injustiça à qual se deve responder com ação política (Dejours 2003). A justificativa do ‘sucesso/fracasso social’ em termos de ‘competência/ incompetência pessoal’ legitima a exclusão de parcelas cada vez mais significativas da população do trabalho no setor moderno (Bourdieu 1998), e pode ser determinante da formação de uma ética de apartação, de “aceitação da miséria ao lado da riqueza, separação de classes, consolidação dos privilégios, exclusão” (Buarque 2003: 72). De acordo com Nascimento (2003: 62), “estes grupos sociais passam a não ter direito a ter direitos”. Os textos que serão analisados na próxima seção dão mostra disso.

3. “Pobre incomoda”: *Metáfora, intertextualidade e representação de atores sociais*

Nesta seção, apresento análises dos textos “Centro social para morador de rua provoca discórdia em Santa Cecília” e “‘Pobre incomoda’, diz presidente de centro social de Santa Cecília”, veiculados na internet pela *Folha de S. Paulo* e internamente ligados por *hiperlink*. As análises amparam-se metodologicamente pela versão de ADC de Fairclough (2003), que por sua vez reconstrói categorias analíticas com base em descrições linguísticas formuladas em Linguística Sistemico-Funcional (Halliday 1985). Não foram definidas categorias analíticas *a priori*; ao contrário, as categorias aplicadas sistematicamente foram definidas indutivamente dos próprios dados e do objetivo de investigar a representação da população em situação de rua nos textos. No início do processo microanalítico, os textos foram analisados em termos dos movimentos retóricos que realizam na materialização do gênero notícia. Depois, foram codificados em cores, em um mapeamento de categorias analíticas no qual se destacaram a intertextualidade, a metáfora, a representação de atores sociais, para explorar em profundidade essas categorias, outras foram mencionadas lateralmente, como coesão, avaliação, modalidade, pressuposição, colocação, seleção lexical, interdiscursividade. Pelos

limites próprios de um artigo, não discutirei cada categoria, limitando-me a aplicá-las, mas fornecerei referências para cada categoria utilizada.

Começemos pelo texto que foi publicado primeiro. O texto “Centro social para morador de rua provoca discórdia em Santa Cecília” é constituído de 14 parágrafos que realizam sete movimentos retóricos (Swales 1990), definidos como “movimentos discursivos, com um propósito particular pontual, que servem aos propósitos globais do gênero” (Ramalho e Resende 2011: 127). Como cada movimento retórico cumpre funções específicas, desempenhadas por recursos microestruturais também específicos, sua investigação nos leva necessariamente a outras categorias analíticas. O primeiro movimento que o texto realiza é a *construção da polêmica* em torno da fixação de um centro social para atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade, inclusive em situação de rua, no bairro de Santa Cecília, bairro paulistano de classe média. A construção posicionada da polêmica é discursivamente lograda por meio de três estratégias observadas nos dois primeiros parágrafos do texto: a representação ativa do centro social (inclusive no título da notícia), a utilização da metáfora dos lados opostos e a articulação do discurso da insegurança.⁴ Vejamos os parágrafos que seguem o título da notícia:

- [1] De um lado, moradores, comerciantes e empresários de Santa Cecília, região central de São Paulo. Do outro, moradores de rua. No centro, uma discórdia: o sobrado laranja, no número 44 da rua Imaculada Conceição. O temor da vizinhança é que o imóvel se transforme na “mais nova filial da cracolândia” e traga para a arborizada e pequenina rua, de apenas 200m, sujeira, drogas, tráfico, noias e insegurança.

Já no título e também no segundo parágrafo do texto, o centro social é representado como entidade ativa (“provoca”, “traga”), o que permite localizar no próprio centro ou no imóvel que o abrigaria a origem do conflito, apagando desde o início o problema social da situação de rua e a necessidade de seu enfrentamento.

A metáfora dos lados opostos, no primeiro parágrafo da notícia, é a principal estratégia para a construção discursiva da polêmica. Em termos da representação de atores sociais, o uso dessa metáfora constrói grupos antagonísticos: o primeiro representado por atores sociais para os quais se reconhece a legítima demanda pelo espaço público; o segundo composto por atores sociais para os quais se nega o direito à cidade. A oposição também se constrói no léxico, pela reiteração de “discórdia”, no título e no primeiro parágrafo. Note-se, no primeiro parágrafo, que a metáfora dos lados também inclui algo “no centro”, e é a “discórdia”, que se explica ser justamente o imóvel que abrigaria o centro social, que novamente se representa como a causa da polêmica em foco.

O discurso da insegurança dá o tom do segundo parágrafo, notadamente em “O temor da vizinhança” – o termo “vizinhança” retoma apenas “um lado”, aquele para o qual se reconhece o direito à cidade. Nesse parágrafo, a metáfora

dos lados continua a operar, dessa vez na oposição entre “vizinhança” e “mais nova filial da cracolândia”, trecho que aparece entre aspas, sinalizando uma fronteira com a voz autoral, mas sem que se especifique a origem dessa fala. *Cracolândia* é um termo de denominação midiática para uma região, no centro da cidade de São Paulo, marcada pelo “estigma de degradação e criminalidade decorrente da presença, em ruas do bairro, de diversos usuários de crack, dentre eles homens, mulheres e meninos/[as] em situação de rua, profissionais do sexo etc.” (Frúgoli Jr. e Spaggiari 2010, acréscimo meu).

Outra oposição que se constrói aí é observada entre a representação bu-cólica de “arborizada e pequenina rua” – em tom quase literário – e “sujeira, drogas, tráfico, noias e insegurança”. A colocação entre os elementos desta enumeração mapeia para “noias” – termo utilizado para referência a usuários/as de crack – os sentidos negativos atribuídos aos problemas elencados, o que apaga o fato de se tratar de seres humanos.⁵

O próximo movimento retórico realizado no texto é a *explicitação do motivo da disputa*: a transferência do centro social de uma rua para outra dentro do mesmo bairro. Esse movimento é o escopo do terceiro parágrafo do texto, em que se lê: “Até o final deste mês, o sobrado deve sediar o Centro Social Paulo 6º. Hoje, ele funciona a poucas quadras dali (...) no mesmo bairro”. Em seguida, o esforço retórico volta-se para a *justificativa para a “discórdia”*, um dos movimentos centrais no texto, desenvolvido no *hiperlink* que antecede o terceiro parágrafo e nos parágrafos 4, 5 e 6. Vejamos os três parágrafos organizados a seguir no excerto (2):

- [2] A transferência ganhou contornos de um jogo de empurra-empurra. “Esse centro deveria ser instalado em um local adequado. Não aqui, onde circulam muitas crianças e jovens”, diz a advogada Ivani Marcucci, 60, moradora da [rua] Imaculada Conceição.

Quase em frente ao número 44 funciona um centro da criança e do adolescente da Prefeitura de São Paulo. Perto dele, uma escola estadual, a Fidelino de Figueiredo. Praticamente vizinha ao sobrado laranja está uma escola e berçário de educação infantil particular, a Carinha Suja.

“Temos bebês de quatro meses e cinco anos conosco”, conta a dona, Regina Tacla. “Acho louvável a atitude da igreja em ajudar os pobres, e a gente colabora sempre que possível, mas aqui ao lado vai atrair pessoas indesejáveis.”

A metáfora dos lados continua a operar aqui, quando se define a *disputa* como “um jogo de empurra-empurra”. A justificativa para a discordância é fortalecida, primeiro, com a articulação intertextual da voz da moradora, representada por sua profissão (“advogada”), informação que confere confiabilidade a sua voz, segundo a qual um local “onde circulam muitas crianças e jovens” não seria adequado para o funcionamento de um centro social.⁶ Na sequência, a voz autoral reassume o texto, e a afinidade entre as duas vozes se desenha: a voz jornalística enumera os estabelecimentos em que “circulam muitas crianças

e jovens”, inclusive uma escola particular para cuja “dona”, assim representada, o texto abre oportunidade de fala, no parágrafo seguinte. Na articulação intertextual da voz de Regina Tacla, subjetivamente modalizada com “Acho”, o trabalho de assistência é em princípio reconhecido (“louvável”), e às pessoas assistidas por essa iniciativa cabe um papel representacional passivo: “ajudar os pobres”.⁷ Entretanto, a oração iniciada pelo conectivo adversativo *mas* introduz a relação entre os mesmos “pobres” e “pessoas indesejáveis”.

O próximo movimento retórico, realizado no sétimo e no oitavo parágrafos, é a *apresentação de uma “solução” para o problema* anteriormente delineado e justificado: “Abaixo-assinados contra o novo centro correm por prédios e estabelecimentos comerciais da [rua] Imaculada Conceição e nas [ruas] vizinhas Martim Francisco e Barão de Tatuí” (sétimo parágrafo). Note-se a representação metafórica de movimento atribuída aos abaixo-assinados: eles “correm por prédios e estabelecimentos comerciais” da vizinhança. Assim representados, os abaixo-assinados ganham característica animada, o que permite omitir sua autoria, mas principalmente ganham uma dinamicidade que supõe consenso, unanimidade.

O oitavo parágrafo divide-se entre esse mesmo esforço retórico de delimitamento da solução, agora na voz de empresário local, e já se dirige para o próximo movimento: *justificação da solução aventada*. Vejamos o conteúdo do parágrafo no excerto (3):

- [3] Segundo o empresário Hélio Leste, 57, até agora foram recolhidas 2.000 assinaturas. O objetivo? Chegar a 3.000. “A intenção dos moradores daqui é simplesmente melhorar a rua para que ela não se transforme em mais um ponto de tráfico de drogas”, diz.

Assim como a moradora cuja voz se articula no excerto (3), Hélio Leste também é representado por profissão e idade, o que realiza uma característica típica do gênero notícia ao passo em que legitima a expressão de sua voz, para a qual se abre um espaço promocional do objetivo expresso de reunir mais mil assinaturas contra a instalação do centro social.⁸ A justificativa da solução apresentada – a coleta dessas mesmas assinaturas – é explicitamente texturizada, e sua crueza é mitigada com “simplesmente”, o que realiza uma negação do preconceito latente. A oposição entre “moradores daqui” e “ponto de tráfico de drogas” atualiza a metáfora dos lados, e não se explicita a relação entre o centro social e “ponto de tráfico de drogas”. Essa relação é deixada subentendida para o trabalho ativo da leitura, isto é, pressupõem-se leituras conformadas pelos mesmos modos de compreensão dessa suposta relação.⁹

A justificativa para a organização do abaixo-assinado prossegue no intertítulo “Comida sem banheiro” e nos dois parágrafos seguintes:

- [4] ‘COMIDA SEM BANHEIRO’

No começo da noite de hoje, Conseg (Conselho de Segurança) Santa Cecília, representantes das polícias Civil e Militar, dos moradores do bairro e

da subprefeitura vão se reunir no Clube Piratininga para discutir o assunto. Os abaixo-assinados vão ser entregues às autoridades. “Historicamente, essas ONGs vêm fazendo a manutenção da miséria”, critica Fábio Fortes, 45, presidente da Conseg Santa Cecília. “Trazem comida, mas não o banheiro; o cobertor, mas não a cama.”

No nono parágrafo do texto, dá-se notícia de uma reunião “para discutir o assunto”. Os atores sociais representados como membros desse *fórum* são o Conselho de Segurança do bairro – entidade de bairro de natureza policialesca, homologada pela Secretaria de Segurança Pública –, as polícias civil e militar, moradores/as e subprefeitura. Ausências significativas nessa representação do debate público são representantes da população em situação de rua – lembremos que São Paulo tem uma das coordenações mais atuantes do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR), movimento não representado na matéria, assim como não são representados outros movimentos da luta por moradia na cidade. Também estão ausentes na referência à reunião representantes da igreja, do centro social em disputa, de outras secretarias de Estado que não a segurança pública.¹⁰

Assim, o debate é representado como circunscrito aos âmbitos da polícia e da vizinhança, não cabendo qualquer espaço representacional a outros grupos interessados na discussão do “assunto”. O parágrafo seguinte esclarece, na voz do presidente da Conseg, o tom da pauta nesse *fórum*, quando ele se posiciona contrário ao trabalho de ONGs, mas sem oferecer qualquer alternativa como solução, o que apaga o problema original: o fato de haver pessoas que vivem nas ruas e têm seus direitos rotineiramente violados. A sequência da fala de Fábio Fortes, quando cotejada com o intertítulo “COMIDA SEM BANHEIRO”, mostra o grau de filiação da voz jornalística com o discurso materializado na voz do presidente da Conseg Santa Cecília. O fato de pessoas não terem sequer acesso a banheiro não é problematizado no texto, já que isso exigiria a formulação de soluções mais complexas que “abaixo-assinados”. A lógica perversa desse discurso sobre a vulnerabilidade social urbana preconiza que, se não há banheiro, que não haja tampouco comida, e se não há cama, que não haja cobertor – tudo em nome de “simplesmente melhorar a rua” (excerto (3)), de manter longe a “sujeira” (excerto (1)). Embora esses sentidos não sejam texturizados explicitamente, podem ser recuperados nas relações lógicas que esses movimentos retóricos vão construindo.¹¹

Não é à toa, então, que o próximo movimento retórico seja um reforço dos discursos da insegurança e do incômodo, acompanhado de uma mitigação do preconceito.¹² Isso acontece no parágrafo seguinte, reproduzido em (5):

- [5] Para a empresária Lilian Sallum, 33, uma das que participam do movimento, “que fique bem claro: não se trata de uma manifestação preconceituosa, mas, sim, do direito de os moradores se manifestarem contra algo que não desejam”. “Muitos desses moradores de rua têm antecedentes criminais e

são viciados em crack”, afirma Lilian, que é dona do restaurante Esquina Grill do Fuad.

Mais uma vez, é cedido espaço para outra voz “do movimento” dos abaixo-assinados: outra “empresária”. Com modalização de alta afinidade e que pressupõe autoridade no que enuncia (“que fique bem claro”), Lilian Sallum nega o preconceito que dá o tom ao texto.¹³ Isso se realiza no jogo de oposição (texturizada coesivamente em “mas”) entre negação (do preconceito) e afirmação marcada (do direito, mas apenas para um dos “lados”). Na sequência, os argumentos apresentados são o discurso do incômodo (“algo que não desejam”) e da insegurança – ativado por pressuposto de “Muitos desses moradores de rua têm antecedentes criminais e são viciados em crack”, o que serve, implicitamente, de justificativa para a perda de seus direitos humanos. Para além dos processos relacionais com *ter* e *ser*¹⁴, que ativam avaliações negativas¹⁵, note-se que a agregação realizada em “Muitos desses moradores de rua” tem como efeito a representação de um coletivo de “indesejáveis” (como no excerto (2)) em que não se pode perceber individualidade, e, portanto a própria humanidade vê-se diluída.¹⁶

O próximo e último movimento retórico do texto realiza mais uma *justificativa*, desta vez *para os discursos da insegurança e do incômodo*, acrescentando ainda os sentidos de *recuperação do bairro* e de supostas ameaças de perdas econômicas. Isso ocorre nos três parágrafos que encerram o texto, organizados a seguir no excerto (6):

- [6] Renato Carioni, 37, chef do restaurante Così, na rua Barão de Tatuí, afirma que toda vez que o governo do estado ou a polícia adota alguma medida na cracolândia, o efeito logo ecoa nas regiões de Santa Cecília e Higienópolis. “Os noias sobem. É fato.”

Diz ele: “se o centro social for instalado aqui, vai afetar o trabalho que a gente vem fazendo para recuperar essa região e irá repercutir diretamente no comércio local”.

O sócio do Così, Leonardo Recalce, 36, conta que moradores de rua remexem o lixo, fazem cocô na rua, circulam com roupa suja e fétida. “Você segue com sua família para um restaurante e é abordado por essas pessoas, muitas vezes de forma agressiva. Quem quer passar por isso?”

Os três parágrafos em (6) são dominados por uma voz empresarial alinhada às demais vozes representadas no texto, incluindo aí a voz autoral. A primeira voz intertextualmente relacionada, do chef do restaurante, retoma o discurso do incômodo e acrescenta a suposta ameaça de perdas econômicas decorrentes da instalação do centro. No primeiro parágrafo do excerto, faz-se referência a ações policiais higienistas, que não são questionadas, mas apenas tomadas como dadas, e referidas vagamente, em “alguma medida”. A referência é à “intensificação de ações higienistas”, o que inclui medidas de desocupação e

de internação compulsória em que a “melhoria da área é imaginada como um processo de ablução diretamente ligado à segurança, encobrindo a dimensão violenta que preconiza” (Tosold, Ruggi e Silva 2013: 148-9). A relação entre “alguma medida” e ações higienista é, entretanto, deixada implícita para o trabalho de interpretação, o que mais uma vez denuncia a expectativa de leituras domesticadas pelos mesmos modos de representação.

O “chef” ativa mais duas metáforas: de propagação e de guerra.¹⁷ A primeira aparece em “o efeito logo ecoa” e em “os noias sobem”, o que se representa com modalidade de alta afinidade: “É fato”, mas também no uso do verbo *repercutir*. Nenhuma desvantagem desse tipo de ação policial para a população em situação de rua é aventada, apenas seu “efeito” para quem vive nos bairros de Santa Cecília e de Higienópolis, este de classe alta. Em “os noias sobem”, a mesma metáfora de propagação é atualizada, mas com mais uma nota: subir, aqui, é adentrar um espaço de privilégio, em que algumas pessoas são, em princípio, “inadequadas” (excerto (2)), e por isso esse acesso, conforme o texto, não deveria ser permitido. A segunda metáfora, de guerra, aparece em “o trabalho que a gente vem fazendo para recuperar essa região”, representando a expulsão dessa parcela da população como uma retomada de território.

A segunda voz, materializada no último parágrafo do texto, é do sócio do mesmo restaurante. O verbo *dicendi* selecionado para essa articulação intertextual é significativo: dizer que Leonardo Recalce “conta” é garantir a sua voz, na representação, um estatuto de testemunho, o que torna seu relato mais convincente. Em discurso indireto, o que essa voz relata é um comportamento avaliado como inadequado: remexer “o lixo”, usar roupas “sujas e fétidas”, fazer “cocô na rua”. O uso da palavra “cocô” aqui é significativo. Uma busca na página da *Folha de S. Paulo* na internet (em 19 de outubro de 2013), utilizando “fazem cocô” como argumento de busca mostra que apenas seis notícias são exibidas como resultado da pesquisa, e apenas uma matéria se refere a fezes humanas – esta que está em análise –; todas as demais são sobre animais (cães que “fazem cocô” em calçadas, gatos que o fazem sobre sepulturas, pássaros que o fazem em cima de transeuntes). O efeito discursivo desse uso na notícia é uma associação entre pessoas em situação de rua, lixo, sujeira e dejetos, o que opera como uma avaliação muito negativa do grupo populacional que tem todos os seus direitos violados, inclusive o direito a moradia com saneamento básico. A seleção lexical por “fétidas” também é importante, porque se trata de um item com alta gradação avaliativa negativa.¹⁸

Na sequência, a mesma voz continua a ser materializada, mas agora em discurso direto. A voz empresarial passa a narrar uma situação hipotética, mas com estatuto de verdade na escolha do tempo verbal (presente do indicativo). A opção pelo pronome de segunda pessoa (“Você”) como recurso para a indeterminação do sujeito também tem o efeito de proximidade com o/a leitor/a, num convite à adesão.¹⁹ Novamente, temos os discursos do incômodo e do risco, mas o apagamento do problema social da situação de rua para quem de fato o

enfrenta atinge aqui seu grau máximo no texto: em “Quem quer passar por isso?”, o “isso” é cruzar por um instante que seja com pessoas em situação de rua. Mas e viver em situação de rua um dia depois do outro? Por isso quem quer passar?

Há mais uma voz no texto, cuja articulação ainda não foi analisada. Trata-se da voz representada no *hiperlink* que antecede o terceiro parágrafo. O texto do *hiperlink* coincide com o título da notícia a que remete: “*Pobre incomoda*, diz presidente de centro social de Santa Cecília”. Essa articulação intertextual cumpre o papel da voz *do outro lado* nessa matéria – em jornalismo, acredita-se que uma boa cobertura deve contemplar *os dois lados* da história. Não surpreende, entretanto, que essa voz, como representada no texto, materialize os mesmos discursos repetidos ao longo do primeiro texto, a começar pelo título, na assertiva “Pobre incomoda”.

Esse segundo texto é muito menor em extensão – o primeiro tem 567 palavras e é ilustrado por uma fotografia de moradores/as do bairro em frente ao imóvel que abrigaria o centro social – todos/as de braços cruzados e expressão muito séria – e por um mapa da região, enquanto o segundo tem 346 palavras e nenhuma ilustração. O segundo texto atualiza apenas duas vezes além da voz jornalística: a da própria presidenta do centro social, em seis parágrafos, e a de um morador e empresário local, nos três parágrafos que antecedem o intertítulo presente na matéria. Ainda são dedicados dois parágrafos para uma descrição do centro social, na voz autoral.

Em decorrência dos limites próprios de um artigo, não farei desse texto uma análise tão minuciosa como a que acabo de fazer do primeiro. Aqui, registrarei apenas os modos como os mesmos discursos aparecem materializados, mesmo na voz ‘do outro lado’.²⁰ Começemos pela voz da presidenta do centro social no segundo parágrafo do texto:

- [7] Terezinha reconhece que o número de moradores de rua saídos da cracolândia tem aumentado ultimamente no centro social. “Eles migram para cá toda vez que alguma coisa acontece por lá [na cracolândia]”, afirma.

Nesse parágrafo, ecoam sentidos já analisados no primeiro texto. Destaco três. Em primeiro lugar, a representação de pessoas em situação de rua como “o número de moradores de rua saídos da cracolândia” realiza mais uma agregação (van Leeuwen 1997, 2008), em que as individualidades não são importantes, e reafirma a identidade, tomada como pressuposto, entre pessoas em situação de rua e usuárias de crack, como se toda pessoa em situação de rua fizesse uso dessa droga. Em segundo, representa as ações higienistas na chamada cracolândia de forma igualmente vaga: o que lá se texturiza como “alguma medida”, aqui se relexicaliza como “alguma coisa”, e do mesmo modo, portanto, as ações higienistas não são questionadas. Em terceiro lugar, atualiza outra metáfora de movimento para referir o efeito da ação higienista, a da *migração* da população em situação de rua – pessoas em situação de rua, então, são representadas como *estrangeiras*, e de novo temos a ativação de sentidos de um *lá* e um *cá*

nitidamente segregados. Além disso, a escolha por *reconhecer* como verbo *dicendi* para atualizar essa voz é significativa: todo o expresso ganha estatuto de verdade, por força do pressuposto.

Vejam os próximos parágrafos em que a voz da presidenta é articulada:

- [8] “Até agora”, continua ela, “não vimos nenhum inconveniente em nossa ação”. Segundo a presidente do centro social, quem mora em Higienópolis também reclama dos moradores de rua por lá.

A expressão de “Até agora” em relação a inconvenientes da atividade do centro social ecoa um discurso de risco, um pressuposto de que não há qualquer garantia de que inconvenientes não venham a aparecer. Além disso, a segunda oração do parágrafo, sempre na voz da presidenta, confirma o incômodo como um consenso, e mantém a representação do problema a ser enfrentado como sendo “moradores de rua”, e não a situação de rua como consequência da vulnerabilidade social.

Os três parágrafos seguintes do texto dão a virada para uma voz empresarial que, embora dissonante em relação ao empresariado que povoa seis dos 14 parágrafos do primeiro texto, também atualiza os mesmos discursos. Vejam os três parágrafos no excerto (9), a seguir:

- [9] Para o empresário Roberto Carvalho, 48, morador do bairro, o problema da população de rua não é exclusividade de Higienópolis ou de Santa Cecília. “Trabalho nos Jardins e percebo que essa situação está se tornando crescente também por lá”, diz ele. Segundo Carvalho, o problema precisa ser encarado por toda a sociedade. “Algo tem que ser feito, já. Até quando vamos jogar para debaixo do tapete?”

O que a voz do empresário realiza, em primeiro lugar, é uma caracterização da extensão da situação de rua como questão social. Entretanto, mais uma vez, o “problema” é a “população de rua”, não a situação de rua, e mais: o problema é que essa população venha se instalar em bairros de classe média ou alta, como é o caso de todas as localidades mencionadas no excerto – Higienópolis, Santa Cecília, Jardins. Um discurso novo no par de textos é a responsabilização de toda a sociedade por soluções, e a representação da urgência dessas soluções. Na metáfora utilizada, na representação por discurso direto ao final do excerto, contudo, volta a ser realizada a identificação entre população em situação de rua e lixo, quando se retoma, ainda que incompleta, a expressão *varrer o lixo para debaixo do tapete*, em “jogar para debaixo do tapete”. Ainda que o termo *lixo* não apareça na apropriação da expressão, trata-se de expressão bastante conhecida para que seja retomada na interpretação.

O texto termina com nova virada, que se realiza a partir do intertítulo “CADÊ AS SOLUÇÕES?”. Nos dois parágrafos que seguem o intertítulo, o foco de abordagem da questão é significativamente alterado: novamente

articulando a voz da presidenta do centro social, cobram-se “sugestões”, por parte de “quem está se sentindo incomodado”, para que se possam levantar “soluções” para a polêmica em torno da mudança de endereço do centro. A oração que encerra o texto, articulando a mesma voz, é “Diz mais: ‘A verdade é que o pobre incomoda’”. Assim, o segundo texto se encerra confirmando, na voz *do outro lado*, articulada em discurso direto e com modalidade de alta afinidade epistêmica, o mesmo discurso do incômodo que domina o primeiro texto e acoberta o grave problema social que de fato enfrenta quem se encontra em situação de rua na cidade de São Paulo.

Os dois textos ainda compartilham modos de representação da população em situação de rua. A representação de atores sociais em situação de rua é sempre, nos dois textos, representação genérica – não há qualquer individualidade específica referida, o que contrasta com as várias referências individuais a moradores/as e empresários/as locais. A representação genérica, nos dois textos, algumas vezes inclui humanidade e outras se dá de forma impessoalizada.²¹

No primeiro texto, a representação com traço humano dá-se como “moradores de rua”, “pobres”, “pessoas indesejáveis” e “noias”. Logo no primeiro parágrafo, a representação genérica como “moradores de rua” constitui um grupo em oposição a “moradores, comerciantes e empresários”, pela ativação da metáfora dos lados. No segundo parágrafo, a representação como “noias” já aparece, o que inclui avaliação de teor fortemente negativo (excerto (1)). Essas duas representações são as mais atuantes no texto. Em ambos os casos, embora esteja presente o traço humano, há também um traço de objetivação, quando, segundo van Leeuwen (1997), atores sociais são representados por referência a um local ou a algo associado a sua pessoa ou a sua atividade.

Nas referências como “moradores de rua”, o elemento que define a categoria é o vínculo com a rua, e, assim, ainda que se mantenha o traço humano pelo primeiro elemento da lexia, “moradores”, tem-se como elemento identificador “de rua”, o que aproxima essas representações da objetivação (Resende 2012). É o vínculo forte com a rua na lexia que permite a construção da oposição com “moradores (...) de Santa Cecília” (excerto (1)). A representação pelo termo “noias”, de teor avaliativo muito negativo, também mantém traços de objetivação, já que o que define o grupo social é a referência à droga. Essa referência é retomada, de forma mais explícita, no 11º parágrafo, quando se lê que “muitos desses moradores de rua têm antecedentes criminais e são viciados em crack” (excerto (5)). Aqui novamente pesa a objetivação, pelo vínculo representado com o crime e a droga. No parágrafo seguinte, a representação como “noias” volta a operar (excerto (6)).

Quanto à representação como “pessoas indesejáveis”, embora apareça apenas uma vez, no sexto parágrafo (excerto (2)), essa representação ecoa ao longo de todo o texto, especialmente nos trechos em que o grupo populacional não é referido pelo traço humano, mas impessoalizado. A impessoalização realiza-se

como objetivação, pela associação com “cracolândia”, “sujeira”, “drogas”, “tráfico” de drogas, “insegurança” (excerto (1)), novamente com “tráfico de drogas” (excerto (3)), com “miséria” (excerto (4)), com “algo que [os/as moradores/as de Santa Cecília] não desejam” (excerto (5)), com “cracolândia” (excerto (6)).

A representação como *indesejáveis* também encontra reforço nos trechos em que a população em situação de rua é referida como agindo concretamente no mundo. Nesses casos, as ações associadas ao grupo populacional são incomodar (“Pobre incomoda”, no *hiperlink*), subir (“Os noias sobem”, excerto (6)) e remexer, fazer e circular (“remexem o lixo, fazem cocô na rua, circulam com roupa suja e fétida”, no último parágrafo, excerto (6)). Em todos esses casos, o foco da representação é em vínculos presumidos ou ações avaliadas como indesejáveis pela comunidade de Santa Cecília, sem qualquer referência ao que padecem as pessoas em situação de rua.

São ainda, e finalmente, representadas como beneficiárias de ações de instituições, especificamente a igreja e o centro social a ela vinculado. Isso aparece já no título da primeira notícia e se repete no terceiro e no sexto parágrafos (este reproduzido no excerto (2)). Esse modo de representação da população em situação de rua, apassivada, é o preferido no segundo texto, em que se repete em cinco oportunidades (parágrafos 1, 4, 6 e 10, e no *hiperlink*). Nesse segundo texto, também são recorrentes os casos de objetivação, pela relação pressuposta com a “cracolândia” (segundo parágrafo), pela representação como “problema” (sétimo e nono parágrafos) e como “essa situação” (oitavo parágrafo). Nesse texto, a população em situação de rua só é representada em papel ativo como “pobre”, em estrutura oracional em que o termo figura como Ator de “incomoda”, no título da notícia e em seu último parágrafo, de modo que o discurso do incômodo inaugura e encerra a matéria.

Assim, temos que, em termos dos modos de representação da população em situação de rua, o texto que, em princípio, dá voz ao “outro lado” não acrescenta modos de representação diferentes daqueles já processados no primeiro texto; apenas reforça o discurso do incômodo que dá a tônica em ambas as notícias.

Considerações finais

Se é verdade que a avaliação discursiva não acontece apenas nos elementos que em princípio associamos com a avaliação, mas irradia pelo texto em variadas estratégias (Martin e White 2005), a texturização desse par de textos aponta modos complexos de avaliação da população em situação de rua. Esses modos de avaliação transcendem as instâncias explícitas em processos relacionais para incluir a saturação de elementos avaliativos diversos ao longo dos textos, que acabam por construir um cenário de *invasão por pessoas indesejáveis*, de comportamento incômodo, que por isso deixam de ser percebidas como sujeitos de direitos, e passam a ser percebidas como ameaça aos direitos alheios, estes legitimados.

Os discursos sobre pessoas em situação de rua nos dois textos orbitam a insegurança e o incômodo. O discurso da insegurança ativa-se por pressuposto, mas o discurso do incômodo é explicitado em diversas partes do texto. Assim como em textos que analisei anteriormente, no par de textos analisado aqui a situação de rua é percebida apenas pelo viés de seus efeitos sobre populações outras. Contribui para isso a significativa ausência de vozes que pudessem representar a situação de rua. Não porque não haja essas vozes: São Paulo é uma cidade rica em lideranças e movimentos voltados para a luta por moradia, inclusive o Movimento Nacional da População em Situação de Rua. Trata-se, antes, de uma opção por não pautar essas vozes. Ainda que muitas vozes povoem os textos, especialmente o primeiro, não há abertura para a diferença (nos termos de Fairclough 2003); ao contrário, ecoam os mesmos modos posicionados de representação da situação de rua.

Além de toda a violência da violação de direitos, a população em situação de rua está sujeita ainda à violência simbólica na sua representação. É ultrajante o tipo de relação de sentido que os textos realizam, estabelecendo vínculos fortes entre pessoas e sujeira, entre pessoas e lixo, entre pessoas e dejetos, sem alguma vez associar a situação de rua aos problemas sociais mais profundos que a encadeiam. A representação é violenta também no sentido da violência epistêmica, conforme definida por Spivak (2010), da ausência de vozes da rua na representação, pela negação de significados oriundos do próprio grupo representado. A voz “do outro lado” não repetiria os mesmos discursos tão duramente defendidos pelo empresariado e pela “vizinhança” local se o “outro lado” tivesse sido, efetivamente, ouvido.

NOTAS

- 1 Uma versão anterior deste artigo, inédita como texto completo, foi apresentada oralmente no *X Congreso Internacional de la Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso*, realizado, em outubro de 2013, na *Benemérita Universidad Autónoma de Puebla*, México. O trabalho apresentado compôs a mesa-redonda “REDLAD II – La pobreza on-line”. Minha participação no referido congresso foi possível graças ao apoio do CNPq, Processo AVG 455665/2013-3.
- 2 Este artigo é parte do projeto “Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no jornalismo on-line” (PQ/CNPq 304075/2014-0), também contemplado no apoio ao projeto integrado “Violação de direitos como violência e mobilização social como resistência: uma investigação discursiva”, MCTI/CNPq Nº 14/2013, 470300/2013-2, e integra o Grupo de Pesquisa “Mobilização, direitos e cidadania: ação, representação e identificação no discurso” (DGP/CNPq).
- 3 Embora todas as diferentes versões dos estudos críticos do discurso compartilhem traços que garantem a coerência epistemológica desse campo interdisciplinar, falar em ADC não significa fazer referência a um corpo homogêneo em termos teóricos e metodológicos. Ao contrário, a ADC configura “um conjunto de abordagens

- científicas interdisciplinares” com vistas a estabelecer estudos críticos da linguagem como elemento de toda prática social (Ramalho e Resende 2011: 12). Como se trata de um conjunto de abordagens, estamos diante de um campo heterogêneo em suas propostas teórico-metodológicas, que, ainda assim, guardam pontos em comum. Além do caráter posicionado, outros desses pontos é a interdisciplinaridade: todas as diferentes versões de ADC buscam informação nas ciências sociais para construir teorias do funcionamento social da linguagem. No caso do enquadre de ADC desenvolvido por Fairclough, há ampla inspiração no Realismo Crítico (Resende 2009a).
- 4 Para uma discussão detalhada dessas categorias, ver *personalização* em van Leeuwen (2008), *metáfora orientacional* em Lakoff & Johnson (1980), *interdiscursividade* em Fairclough (2003).
 - 5 Sobre *padrões de colocação* em análise discursiva, ver Fairclough (2003).
 - 6 Uma discussão sobre *intertextualidade* pode ser encontrada em Ramalho e Resende (2011); a origem do conceito encontra-se em Bakhtin (2002). Sobre as diversas subcategorias ligadas à *representação de atores sociais* (*funcionalização, categorização, objetivação, impessoalização, passivação* e outras), ver van Leeuwen (2008).
 - 7 Sobre *modalização subjetiva*, ver a discussão de Fairclough (2003) com base em Halliday (1985); para uma comparação entre os dois enquadres, ver Resende e Ramalho (2006). Sobre ‘passivação’, ver Halliday (1985) e van Leeuwen (2008).
 - 8 Sobre o conceito de *gênero discursivo*, ver Bakhtin (1997). Sobre *legitimação* no discurso, ver van Leeuwen (2008).
 - 9 Uma boa reflexão sobre *pressuposição* e análise discursiva pode ser encontrada em Fairclough (2003).
 - 10 A categoria analítica *representação de atores sociais* é desdobrada em pormenores por van Leeuwen (2008), incluindo a discussão das *supressões significativas*.
 - 11 Relações lógicas são discutidas como parte da categoria *coesão* em Halliday (1985).
 - 12 Para uma discussão sobre *mitigadores e reforçadores*, veja Pardo (2011).
 - 13 Modalização de alta afinidade diz respeito a uma modalização epistêmica alta, conforme Fairclough (2003).
 - 14 Ver *transitividade* em Halliday (1985).
 - 15 Ver Martin e White (2005).
 - 16 Sobre *agregação*, ver *representação de atores sociais* em van Leeuwen (2008).
 - 17 Respectivamente, *metáfora espacial* e *metáfora conceitual* (cf. Lakoff e Johnson 1980).
 - 18 Sobre *gradação avaliativa*, ver Martin e White (2005).
 - 19 Sobre o uso de pronomes de segunda e de terceira pessoas com efeito de indeterminação do sujeito, ver Resende (2006).
 - 20 *Interdiscursividade* é a categoria analítica pela qual se mapeiam os discursos materializados em um texto e os modos como são materializados (Fairclough 2003). Aqui se fez um mapeamento interdiscursivo entre dois textos, a fim de verificar se coincidem os modos de representação do mesmo tema.
 - 21 Ver van Leeuwen (2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. 1997 [1953]. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BAKHTIN, M. 2002 [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BHASKAR, R. 2008. *Dialectic: the pulse of freedom*. London: Routledge.
- BOURDIEU, P. 1998. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BRASIL. 2008. *Sumário executivo da pesquisa nacional sobre a população em situação de rua*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; São Paulo: Meta Instituto de Pesquisa de Opinião.
- BUARQUE, C. 2003. *O que é apartação: o apartheid social no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- CHOULIARAKI, L. e FAIRCLOUGH, N. 1999. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- COLIN, D. 2013. Olhares sobre a construção da Política Nacional para a população em situação de rua. Comunicação apresentada no “Seminário Brasil – União Europeia para Promoção e Proteção dos Direitos da População em Situação de Rua”. Brasília, julho de 2013.
- DEJOURS, C. 2003. *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- FRÚGOLI JR., H. e SPAGGIARI, E. 2010. [Disponível em: http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aos-noias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz#_ftn13]. Da cracolândia aos nórias: percursos etnográficos no Bairro da Luz. In *Ponto Urbe*, 6. [Acesso em outubro de 2013].
- GRAMSCI, A. 1995. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- HALLIDAY, M. A. K. 1985. *Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. 1980. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- MARTIN, J. e WHITE, P. 2005. *The language of evaluation: appraisal in English*. Hampshire; New York: Palgrave Macmillan.
- MONTECINO, L. A. e ARANCIBIA, M. C. 2013. Representaciones discursivas en comentarios de blogs de ciberperiódicos chilenos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 14: 278-304.
- NASCIMENTO, E.P. 2003. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In M. Bursztyrn (ed.). *No meio da rua: nômades, excluídos e viradores*. pp. 56-87. Rio de Janeiro: Garamond.
- ONU, ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. 2013. [Disponível em: <http://www.un.org/Conferences/habitat/unchs/press/women.htm>]. Habitat. 100 million homeless in world. Most are women and dependent children. [Acesso em julho de 2013].

- PARDO ABRIL, N. G. 2008. *¿Que nos dicen? ¿Que vemos? ¿Que és... pobreza?* Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
- PARDO ABRIL, N. G. 2013. *Construcción simbólica de la pobreza. Representación mediática de la violación de derechos en la prensa digital*. Projeto de pesquisa inédito. Bogotá.
- PARDO, M. L. 2011. *Teoría y metodología de la investigación lingüística. Método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos*. Buenos Aires: Editorial Tersites.
- PARDO, M. L. 2012. Asociación discursiva entre pobreza y delito en un programa televisivo reproducido en YouTube. In N. G. Pardo Abril. *Discurso en la web: pobreza en YouTube*, pp. 270-294. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
- RAMALHO, V. e RESENDE, V. M. 2011. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes.
- RESENDE, V. M. 2006. Interdiscursividade em uma interação etnográfica no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua: uma análise discursiva crítica. Trabalho apresentado no *Primer Coloquio Internacional de la Red Latinoamericana de Análisis Crítico del Discurso de la Extrema Pobreza - REDLAD*. Buenos Aires.
- RESENDE, V. M. 2009a. *Análise de Discurso Crítica e Realismo Crítico: debates interdisciplinares*. Campinas: Pontes.
- RESENDE, V. M. 2009b. 'It's not a matter of inhumanity': a critical discourse analysis of an apartment building circular on 'homeless people'. *Discourse & Society*, 20 (3): 363-379.
- RESENDE, V. M. 2012. Representação discursiva de pessoas em situação de rua no *Caderno Brasília: naturalização e expurgo do outro. Linguagem em (Dis)Curso*, 12: 439-465.
- RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. 2006. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto.
- RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. 2013. Inequality and representation: Critical discourse analysis of news coverage about homelessness. In C. M. Pascale (ed.). *Social inequality & the politics of representation: a global landscape*, pp. 21-34. Washington: Sage.
- RESENDE, V. M. e SANTOS, A. A. 2012. A representação de pessoas em situação de rua quando vítimas de chacina: uma análise discursiva crítica. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, 12 (2): 81-102.
- SILVA, D. E. G. 2009. Representações discursivas da pobreza e gramática. *D.E.L.T.A.*, 25: 721-731.
- SOARES, M. C. 2011. *Os direitos na esfera pública mediática*. São José do Rio Preto: Editora Unesp.
- SPIVAK, G. C. 2010. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG.
- SWALES, J. M. 1990. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- THOMPSON, J. B. 1995. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes.

- TOSOLD, L., RUGGI, L. O. e SILVA, R. B. 2013. Aliança pelo Centro Histórico: estratégias discursivas de legitimação dos processos de higienização na cidade de São Paulo. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 14: 147-172.
- VAN LEEUWEN, T. 1997. A representação dos atores sociais. In E. R. Pedro (ed.). *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*, pp. 169-222. Lisboa: Caminho.
- VAN LEEUWEN, T. 2008. *Discourse and practice*. Oxford: Oxford University Press.
- WODAK, R. 2003. El enfoque histórico del discurso. In R. Wodak & M. Meyer (eds.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*, pp. 101-42. Barcelona: Gedisa.

VIVIANE DE MELO RESENDE é Professora Adjunta do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística, área de Linguagem e Sociedade, e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, linha de pesquisa Desenvolvimento e Políticas Públicas. Pesquisadora do CNPq (PQ/CNPq 304075/2014-0). Coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (www.nelis.unb.br), 2009-2014, e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (www.ppgl.unb.br), 2014-2016. Coordenadora do grupo de pesquisa “Mobilização, direitos e cidadania: ação, representação e identificação no discurso” (DGP/CNPq). Autora de artigos e livros em Análise de Discurso Crítica.

Correio eletrônico: viviane.melo.resende@gmail.com

